

GUERRA COMERCIAL CHINA X USA E A POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA NO PERÍODO TRUMP E BOLSONARO 2017 E 2021

KELEN CRISTINA DE SOUSA PEREIRA

MARLON SANTOS NEVES BIÉ

LARYSSA APARECIDA SILVA DE PAZ DIAS

PROFESSORAS: RAFAELA RESENDE SANCHES (rafaela.sanches@ulife.com.br)

DANIELA MATEUS DE VASCONCELOS (danielavasconcelos@ulife.com.br) RELAÇÕES INTERNACIONAIS, UNA AIMORÉS

Resumo:

O objetivo deste artigo é analisar como a PEB se adaptou frente à guerra comercial entre China e Estados Unidos no período Trump 2017 e 2021. O artigo visa analisar a guerra comercial a partir da discussão sobre o déficit comercial nas perspectivas dos Estados Unidos e China. Por ser o principal parceiro comercial de ambas as potências como foi afetado e como conduziu sua política externa frente a essa disputa. Com base no conceito de geoeconomia, que consiste no uso de instrumentos econômicos no nível internacional, tais como política comercial, sanções econômicas com finalidade de atingir seus objetivos geopolíticos. A metodologia de análise utilizada foi a qualitativa com base na análise de documentos oficiais dos Governos da China, dos Estados Unidos e Brasil, além de literatura especializada sobre o tema.

Palavra-chave: Geoeconomia; Guerra comercial; PEB

Introdução:

A Guerra Comercial foi declarada quando em janeiro de 2018 o presidente americano Donald Trump anunciou sobretaxas sobre todas as importações de máquinas de lavar e painéis solares. Argumentando que a medida é uma forma de defesa contra um déficit comercial com a China de mais de US\$ 300 bilhões por ano. Em Março de 2018, as taxas são estabelecidas em 25% sobre todas as importações de aço e 10% sobre as de alumínio. (IPEA 2018). Com resposta às taxações impostas por Trump, a China, em Abril de 2018 impôs tarifas de até 25% em 128 produtos americanos (G1, 2018). No mesmo mês, Trump anunciou sobretaxas de 25% em

US\$50 bilhões de produtos chineses. (G1, 2018). Em junho a Casa Branca determinou sobretaxas de 25% sobre US\$34 bilhões em importações da China, (G1,2018). A China responde com tarifas sobre US\$34 bilhões em produtos americanos (G1, 2018). Em julho, os EUA anunciaram planos para taxar em 10% produtos chineses no total de US\$200 bilhões (USTR, Sessão 31). E em Agosto, determinam que as taxas passem de 10% para 25% e divulgou a lista de US\$16 bilhões em itens chineses que terão tarifas de 25%. (G1,2018). A China retalia com taxas idênticas para o mesmo montante. Em setembro, Trump ameaçou taxar mais de US\$267 bilhões de itens chineses e no mesmo mês passou a vigorar as tarifas de 10% sobre US\$200 bilhões em importações da China, que subiram em 2019 para 25%. Pequim rebate com taxas sobre os US\$60 bilhões em bens dos EUA. Em dezembro de 2018, EUA e China concordaram em adiar a entrada em vigor de novas tarifas por 90 dias. (CBC News, 2018) Essa competição se dá pela via geoeconômica. Esse conceito de geoeconomia surgiu no fim da Guerra Fria quando Edward Luttwak (LUTTWAK, 1987, p. 45). Expôs que o poder militar estava cada vez menor, dando lugar a estratégias comerciais mais potentes do que as armas. Após as grandes Guerras e a Guerra Fria os grandes Estados de certa forma já haviam aprendido que o conflito militar causou mais prejuízos do que benefícios. Portanto, desafiar a primazia militar da grande hegemonia norte-americana, mesmo com o programa de modernização militar não é algo que a China demonstra interesse. Segundo Blackwill em seu livro *War by Other Means: Geoeconomics and Statecraft* (2016) as atuais potências em ascensão estão cada vez mais interessadas em instrumentos econômicos como principais meios de projetar influência e conduzir o combate político no século XXI. De fato, o poder econômico hoje é uma arma de controle de ataque tanto quanto o poder militar foi no período entre guerras. Um exemplo desse poder é a China que através da sua ascensão econômica e comercial encontrou uma forma mesmo sendo um país comunista com políticas que vai contra a ordem Mundial liberal que garante os direitos individuais, se inseriu no mercado globalizado e é respeitada pela sua força econômica. Segundo a publicação do Economist (2020) os chineses afirmam terem redesenhad o capitalismo para fazê-lo funcionar melhor. O capitalismo estatal representa esse “novo capitalismo” da China. Uma economia controlada pelo Estado que opera juntamente com o setor privado exercendo seu controle através de companhias nacionais de petróleo, gás e empresas estatais. Diferente dos Estados Ocidentais que é controlado pelo setor privado. Para descrever essa nova tendência estatal em relação ao poder econômico, Luttwak (1990) expressa essa tendência com o nome de “geoeconomia” em seu livro - Da geopolítica à geoeconomia.

Método

Para analisarmos a postura da Política Externa Brasileira no contexto das tensões entre Estados Unidos e China no período de 2017 a 2021 utilizamos uma abordagem qualitativa que inclui, revisão de documentos oficiais como discursos políticos, comunicados de imprensa e documentos do governo para entender as declarações e ações oficiais do governo brasileiro. Coleta e análise de dados econômicos relevantes, como exportações, investimentos estrangeiros diretos e indicadores de comércio internacional fornecidos por fontes como Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Resultados e Discussões

O Presidente Jair Bolsonaro já eleito em outubro de 2018, tinha uma postura anti-china. De acordo com a publicação da (BBC NEWS, 2018). Bolsonaro teria dito que a China queria comprar o Brasil e dominar setores cruciais da economia. Essas declarações, demonstram uma tendência à uma aproximação dos USA que se concretiza no seu governo que teve início em 2019. O comércio bilateral com a China em 2018 foi de US\$75 BI, de acordo com Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio de Serviços. A atitude do presidente demonstra uma postura com uma tendência ideológica, buscando uma aproximação dos Estados Unidos. A visita do presidente brasileiro à Tailândia toca em um dos temas mais sensíveis para a China e levanta-se dúvidas de qual seria o papel da PEB nesse período. Entretanto, contrariando as expectativas dos apoiadores das bandeiras ideológicas, em outubro de 2019, o presidente Jair Bolsonaro fez sua primeira viagem oficial à China, essa postura mais pragmática e alinhava-se ao posicionamento mais ponderado do vice-presidente, Hamilton Mourão. Visto que no mesmo ano os chineses representavam 26,7% de toda exportação brasileira. (Balança Comercial e Estatística de Comércio Exterior, 2018). Enquanto as tarifas eram impostas contra a China pelos Estados Unidos, acordos bilaterais foram firmados entre Brasil e China, como: investimentos dos chineses em infraestrutura no Brasil. Protocolos Sanitários para exportações de carnes bovina e farelo de algodão para China. Facilitação dos trâmites aduaneiros entre os dois países e regularização dos contatos entre as chancelarias. A diplomacia brasileira nesse período era de uma agenda de alinhamento com os Estados Unidos, críticas à China e ruptura com as tradições diplomáticas. O que se percebe é que a ideologia de Bolsonaro não anula o fato da China ser um importante parceiro comercial. Segundo o Ministério da Economia do Brasil (2018) as

exportações para China nesse período totalizaram aproximadamente US\$65,39 bilhões. Enquanto as exportações brasileiras para os Estados Unidos totalizaram US\$29,56 bilhões. Neste contexto de ataques diretos entre USA e China, o Brasil acabou no meio da guerra comercial entre as duas maiores potências econômicas do mundo. O leilão do 5G foi um dos maiores eventos econômicos que ocorreram em 2020 no Brasil (Gov.br, 2022) Segundo o site do (G1, 2021) Trump pressionava o Brasil para banir a China do leilão, enquanto a Huawei - Líder mundial no ramo de tecnologia, tinha interesse de liderar o desenvolvimento dessa tecnologia no país. O Brasil, país aliado dos Estados Unidos, sofreu pressão de Trump para barrarem a empresa chinesa na liderança da implementação do 5G em mercados Nacionais, acusando a empresa de espionagem cibernética e de roubo de propriedade intelectual.

Conclusão

Nesse cenário conturbado, o Brasil se encontrou em uma posição delicada, onde manter boas relações com ambos os países se tornou-se crucial. Conhecido por sua neutralidade e diplomacia, o Brasil sempre buscou estabelecer parcerias sem se envolver em disputas. No entanto, a guerra comercial gerou questionamentos sobre qual lado o Brasil escolheria. A China se consolidou como o principal destino das exportações brasileiras, especialmente de produtos agrícolas, enquanto os EUA mantinham uma relação importante, marcada por um alinhamento ideológico. Mesmo com essa proximidade com os EUA, o Brasil decidiu adotar uma postura pragmática. A abordagem de “não alinhamento rígido” permitiu que o Brasil maximizasse seus benefícios econômicos sem se comprometer totalmente com uma das potências. Essa escolha refletiu um esforço para assegurar um equilíbrio estratégico, evitando um rompimento com a China, que é essencial para a economia brasileira. Complementaridade econômica, foi a estratégia adotada pela diplomacia brasileira. Essa abordagem geoeconômica permitiu ao Brasil explorar as vantagens comerciais com ambos os lados, enquanto preservava a neutralidade necessária para proteger seus interesses. Graças a essa postura pragmática, o Brasil conseguiu manter relações estáveis com suas duas principais parceiras, navegando com cuidado em um cenário global marcado pela rivalidade entre EUA e China. Com a intensificação da guerra comercial entre as potências parceiras, o Brasil viu uma oportunidade de expandir suas exportações para o mercado chinês. De acordo com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (2021), as exportações de soja para a China atingiram aproximadamente US\$ 27 bilhões em 2021, evidenciando uma dependência crescente da China como principal parceiro comercial do Brasil. Essa mudança não apenas reforçou os laços econômicos, mas também

realçou a necessidade da PEB de se adaptar às novas realidades do comércio internacional. O Brasil, ao manter boas relações com ambos os países, conseguiu diversificar suas exportações e reduzir a dependência de um único parceiro comercial, evidenciando uma abordagem pragmática e adaptativa na PEB. As relações com os Estados Unidos foram marcadas por um alinhamento ideológico sob o governo Bolsonaro. O apoio do Brasil a políticas do governo Trump refletiu uma tentativa de estreitar laços bilaterais, mas também trouxe à tona tensões em áreas como meio ambiente e comércio. Enquanto o Brasil buscava fortalecer suas relações com os EUA, a realidade das tarifas e das barreiras comerciais imposta pelos EUA à China limitou as oportunidades de acordos bilaterais significativo

Referências

G1. *Como a guerra comercial entre EUA e China pode afetar o Brasil**.[Como a guerra comercial entre EUA e China pode afetar o Brasil | Mundo | G1](#)

IPEA. [Nota Técnica - 2018 - março - Número 12 - Dinte - O aumento das tarifas norte-americanas de importações de aço e alumínio e seus impactos sobre o Brasil e o mundo](#)

AUP. * Geoeconomia*

<https://www.armyupress.army.mil/Journals/Edicao-Brasileira/Arquivos/Terceiro-Trimestre-2018/Geoeconomia/#:~:text=Geoeconomia:%20O%20uso%20de%20instrumentos,geopol%C3%ADticos%20de%20um%20pa%C3%ADs30>

OFFICE OF THE UNITED STATES TRADE REPRESENTATIVE

[2018-0026 China FRN 7-10-2018_0.pdf](#)